

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 1, n. 6, 2025

••• ARTIGO 12

Data de Aceite: 10/12/2025

URDIDURAS DE EXISTÊNCIA: NARRATIVAS ESPIRALARES DE MULHERES NEGRAS MÃES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DE RAÇA GÊNERO E MATERNIDADE NA DOCÊNCIA

Andressa Paula de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE UFES. Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014), graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade UniBF (2019), graduação em Bacharel em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018) e mestrado em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo (2017). Atualmente, é professora PEB II da Prefeitura Municipal de Vitória.

Maria Elizabeth Barros de Barros

Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1975), mestrado em Psicologia Escolar pela Universidade Gama Filho (1980) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). Pós-doutorado em Saúde Pública com ênfase em Saúde do Trabalhador da Educação (2001), pós-doutorado em Saúde Coletiva na Universidade Federal Fluminense (2016) e pós-doutorado em Psicologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021. Atualmente, é professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Política Educacional.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo se constitui como um movimento espiralar que nasce da tese *Entre fios e histórias: Tecendo com essas mulheres mães negras pesquisadoras na educação*. A escrita emerge como gesto sensível que se apoia na escrevivência de Conceição Evaristo (2020), na fabulação biografemática de Roland Barthes (2004; 2015) e na concepção de tempo espiralar proposta por Leda Martins. A experiência de mulheres negras mães na formação docente aparece como território de criação cotidiana, profundamente marcada por dimensões interseccionais de raça, gênero e maternidade (CRENSHAW, 2002; COLLINS; BILGE, 2021). Fragmentos da tese, incorporados de modo ético e sensível, evidenciam a tessitura complexa que sustenta a permanência dessas mulheres no espaço acadêmico. O texto se tece como prática de cuidado com a palavra e com a vida, reafirmando a estética da existência negra como campo político e epistêmico (GONZALEZ, 2020; DAVIS, 2016; hooks, 2019).

Palavras-chave: escrevivência; mulheres negras; maternidade; formação docente; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO / O FIO QUE RETORNA

A escrita que aqui se apresenta nasceu como gesto espiralar, como propõe Leda Martins ao compreender o tempo como espira e não linha. O texto emerge como dobra que retorna para tocar o que ainda vibra na tese *Entre fios e histórias: Tecendo com essas mulheres mães negras pesquisadoras na educação*.

Desde o início, a narrativa se recusou a seguir lógica linear. Preferiu o movimento circular, dançante, que acompanha o giro

do tempo. Assim, fragmentos da infância retornam para iluminar a compreensão da mulher que escreve, como o momento em que:

Com nove anos, decidi alisar meu cabelo. Não por escolha estética. Por necessidade de respirar sem me sentir observada.

Esse biografema ecoa a escrita de Barthes (2004), que entende o fragmento como brilho que insiste. É também escrevivência, palavra-corpo como propõe Evaristo (2020), que emerge da vida vivida e se recusa a ser silenciada.

A pesquisa que originou este artigo buscou compreender as experiências de mulheres negras mães na educação. Cada encontro, cada gesto, cada silêncio se tornou parte da espiral que sustenta este texto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / TECELAGEM RIZOMÁTICA

Escrevivência como corpo que escreve

A escrevivência de Conceição Evaristo (2020) orienta a compreensão de que escrever não é apenas registrar, mas existir. A palavra é gesto político e sensível. Ela nasce de memórias, de afetos, de cicatrizes. A escrita é corpo que se faz texto.

Biografema como presença que ilumina

Barthes (2004; 2015) propõe que a vida pode ser narrada por fragmentos que brilham. O biografema é esse lampejo. Na pesquisa, vários lampejos retornaram, entre eles:

O rosto de minha filha adormecida enquanto eu escrevia silenciosamente para não interromper o seu descanso.

Esses gestos se constituem como parte da estética da escrita.

Interseccionalidade como ética e método

A interseccionalidade, proposta por Crenshaw (2002) e aprofundada por Collins e Bilge (2021), permite compreender que maternidade, raça e gênero não são camadas separadas. Elas se entrelaçam, produzindo condições específicas de existência.

Estética da existência negra

Lélia Gonzalez (2020), bell hooks (2019; 2020) e Angela Davis (2016) afirmam que a vida das mulheres negras é território de invenção cotidiana. A estética da existência negra emerge como criação constante e prática política.

TECIVIVÊNCIAS / FRAGMENTOS DA PESQUISA

Maternidade como reinvenção

Escrevi muitas páginas com minha filha dormindo no meu colo. O calor do seu corpo guiava meu ritmo. O texto se formava no intervalo entre mamadas, choros e silêncios.

Luto como parte da espiral

A morte do pai de minha filha reorganizou a casa e o corpo. A água que levou seu corpo não levou os fios que nos ligavam. A maternidade se abriu como força que eu desconhecia.

Vozes das mulheres participantes

Elas disseram:

Eu me tornei muitas para conseguir permanecer.

Minha rotina é feita de cansaços e pequenas alegrias que me sustentam.

Eu sigo na universidade porque minha filha precisa me ver estudando.

Essas falas ecoam a força e a complexidade da maternidade negra na educação.

A TRAMA COLETIVA / REDES E ANCESTRALIDADES

As mulheres negras mães que participaram da pesquisa destacaram que a permanência nos espaços formativos se sustentou em redes. Mães, avós, vizinhas, amigas e professoras negras foram fundamentais. A ancestralidade também se apresentou como presença que orienta, acolhe e fortalece.

DISCUSSÃO / A ESCRITA COMO ESPIRAL

A escrita espiralar, inspirada em Leda Martins, não se move em linha reta. Ela retorna, cria voltas, repete e renova. Assim, os fragmentos da tese não foram colados, mas retomados como movimentos que seguem girando.

A maternidade negra se mostra como prática política, como criação cotidiana (hooks, 2019). Mulheres negras mães inventam rotinas, gestos e mundos para existir na academia, produzindo conhecimento a partir da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS / O FIO SEGUE

Este artigo nasce de um fragmento da tese *Entre fios e histórias: Tecendo com essas mulheres mães negras pesquisadoras na educação*. Ele surge como continuidade, não como síntese. O texto permanece em espiral, sustentado pelas contribuições de Evaristo (2020), Barthes (2004; 2015), Crenshaw (2002), Collins e Bilge (2021), Davis (2016), hooks (2019; 2020), González (2020) e Neusa Santos Souza (2021).

Seguir escrevendo é continuar o fio que não se rompe.

Seguir escrevendo é honrar a espiral que acompanha nossas existências.

Seguir escrevendo é afirmar presença.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Estudos Feministas, 2002.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. Rio de Janeiro: Mina Comunicação, 2020.

EVARISTO, Conceição. Poemas de recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino americano. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

hooks, bell. Erguer a voz. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. São Paulo: Cobogó, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.